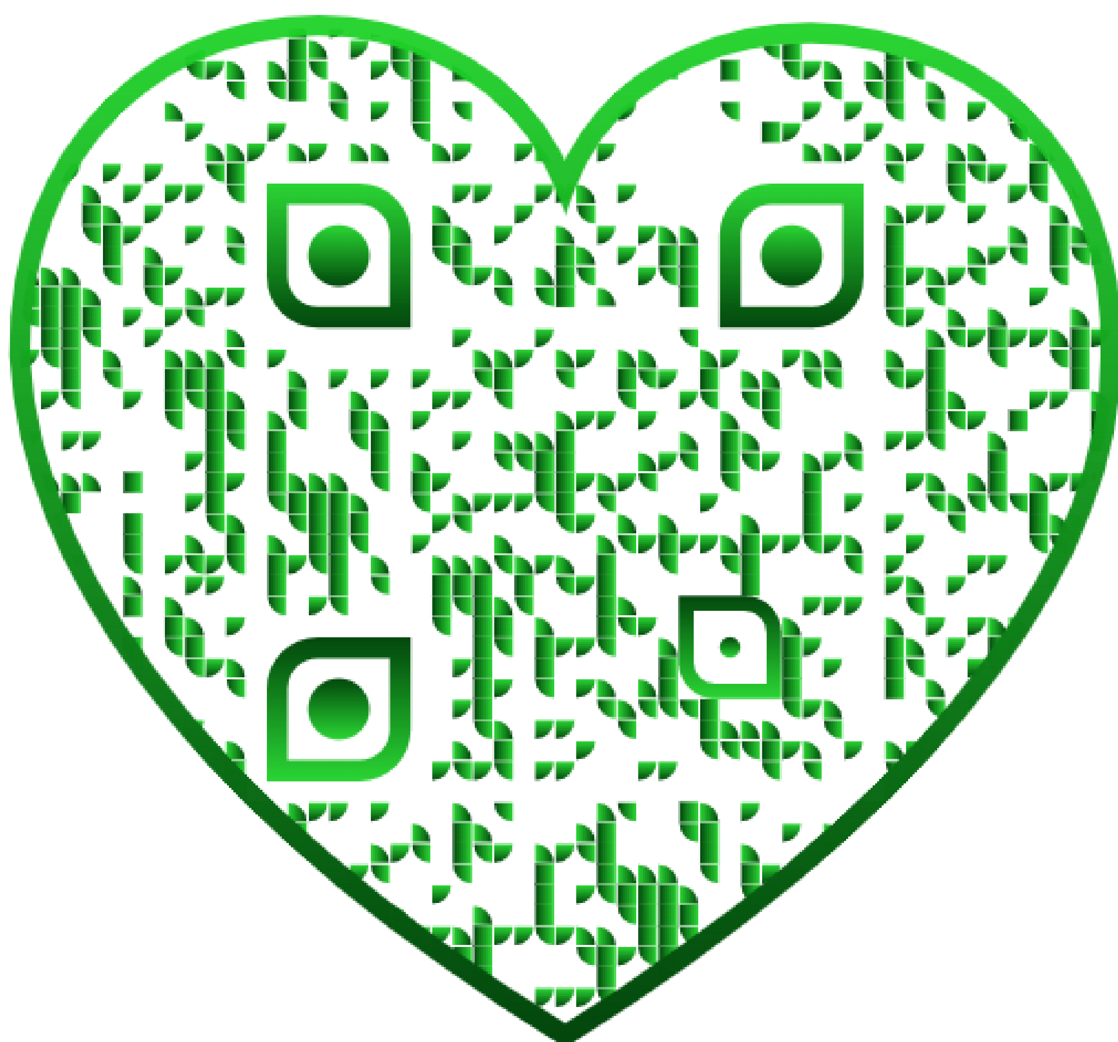
ACHO QUE EU FIZ UMA MÚSICA







ACHO QUE EU FIZ UMA MÚSICA

Para você que se relaciona com alguém de outro gênero.
E não deixa de ser bi por isso.
Você é valide!

Aviso

O conto é narrado por **duas** pessoas. Nos capítulos ímpares, a narração é do Juan. Nos pares, da Lili. Ah, e cada capítulo é uma faixa, então, recomendo que **ouça a playlist**!

Faixa 1

INALCANZABLE

Qué ganas de decirte que no hay nadie más
Que te ame sin medida
- RBD

Eu amo um garoto desde os meus quatorze anos. Quando ninguém o conhecia, quando ele gravava vídeos caseiros com a melhor amiga, postava no Youtube, e divulgava em comunidades do Orkut. Ele tinha um BuddyPoke todo cowboy, o meu era emo.

Foi com ele que descobri que meninos faziam meu coração acelerar, a ponto de doer no peito. Foi por ele que aprendi a tocar violão e sonhei que poderia substituir a garota esquisita que era sua dupla. E, quando ele estourou em todo o Brasil, eu me mudei para a cidade onde ele morava, na esperança de encontrá-lo casualmente pelas ruas, ou pelos barzinhos em que eu tocava.

Mas quanto mais famoso ficava, para mais longe de mim ele ia.

Até ficar distante demais.

Inalcançável.

Larguei a música e entrei na faculdade de publicidade. Ele largou a dupla e estourou no Brasil inteiro. O meu caderno de composições deu lugar a blocos e mais blocos de ideias de propaganda. O estilo cowboy dele deu lugar a roupas rasgadas e apertadas. O corpo gordo emagreceu. O cabelo

ficou mais claro. E o poster que eu tinha na parede do quarto parecia de outra pessoa. Mas eu continuei o amando, como o garoto bobo de dez anos atrás.

Porque algumas coisas não mudam nunca.

Faixa 2

SURFANDO KARMAS & DNA

Se eu soubesse antes o que sei agora
Iria embora antes do final
- Engenheiros do Hawaii

As coisas mudam sempre.

Cinco anos atrás eu estava no auge, sonhando com o sucesso, fazendo shows, sustentando minha família. Sonhei que poderia comprar uma casa para a minha mãe e que um dia eu compraria uma fazenda bem grande para compensar os anos que a gente passou sem nada.

Hoje mal pago meu próprio aluguel.

O sucesso tem seus preferidos. E eles nunca são como eu.

Para quem já cantou em áreas de festa lotadas, quem já rodou o Brasil vendo a poeira da estrada subir, indo tocar nos lugares mais remotos, esse bar com seis pessoas parece uma humilhação. Mas já estive pior.

— Toca João Vinícius!

Reviro os olhos. Parece que alguém me reconheceu.

Finjo que não ouvi e continuo a música da Marília Mendonça que estou cantando. É óbvio que, no fim do show, vou cantar as *minhas* músicas, que, inclusive, são o que me sustenta até hoje. Os direitos autorais delas, de mais

de cinco anos atrás, no caso.

É meio deprimente pensar nisso, então foco na música.

No fim do show, quando estou guardando meu violão dentro da bolsa, noto que um rapaz branco ainda está me encarando. Meu coração acelera. Minha consciência grita que ele não deve me fazer nenhum mal. Mas sentir medo faz parte de ser mulher na minha profissão. A gente tem que estar alerta sempre, principalmente, às duas da manhã em um bar.

Agora tem só três pessoas aqui. Um casal, que ficou a apresentação inteira alheio à minha presença, e esse rapaz. Vou até o balcão, sem manter o contato visual com o sujeito, e converso com o dono do bar. Ele me paga (e eu sinto vontade de chorar quando vejo a quantidade ridícula de dinheiro) e, tenho certeza que por pena, me oferece uma cerveja por conta da casa. Agradeço e me sento no banco alto.

Penso, por um segundo, que vou terminar minha bebida em paz e ir para casa descansar depois de mais um fiasco. Mas o rapaz, que estava me encarando antes, se aproxima de mim e se senta do meu lado.

Sorrio, porque não posso simplesmente ser grossa. Mas eu queria ser.

— Liliane, certo?

Seguro uma revirada de olhos e respiro fundo. Acho que peguei essa mania de revirar os olhos para tudo com a minha irmã. Péssimo hábito.

— Lili — corrijo, forçando um sorriso.

— Ah… Posso te perguntar uma coisa?

Não.

— Claro! — Tento não encarar o rapaz, mas acabo me virando de leve para olhar para ele. Está com um sorrisinho presunçoso no canto dos lábios. Ele tem os cabelos pretos com alguns fios brancos. Um charme, tenho que admitir. Não imagino que tenha mais de vinte e cinco anos, mas a genética faz essas coisas.

— Você ainda tem algum contato com o João Vinícius?

Puta que pariu! É sério? Mais um fã da minha ex-dupla. Eu não mereço, sabe?

— Não. Infelizmente não nos falamos desde que ele me golpeou pelas costas e ficou famoso sozinho. — Não consigo segurar a ironia.

— Ah… — É tudo o que ele diz.

Bebo minha cerveja em um gole e me levanto.

— Desculpa, eu não queria te aborrecer! — Ele tem a audácia de vir atrás de mim. — Eu não sabia que tinha sido assim.

— Claro que não sabia! Quem de vocês, os fãs, realmente se importou quando a dupla virou um cantor solo, bonito e branco? — Reviro os olhos.

— Calma, moça!

Eu me viro de repente e aponto o dedo para o rosto dele.

— Olha, você não me pede calma! — Meu violão está pesando nas costas e tudo o que eu queria era ir embora e deitar na minha cama.

— Desculpa! — Ele levanta os braços, como se estivesse em rendição. — Eu realmente não queria te chatear. Posso te levar para casa, como um pedido de desculpas?

Esse cara só pode estar de brincadeira.

— Querido, você nem me disse seu nome. É óbvio que não pode me levar pra casa! — Eu me viro e começo a andar. Fico aliviada ao perceber que ele não vem atrás.

— É Juan! — ele grita quando já estou longe.

Reviro os olhos.

Faixa 3

DON'T STOP BELIEVIN'

A singer in a smoky room
The smell of wine and cheap perfume
- Journey

Eu sei que, muitas vezes, artistas escondem coisas, mas nunca imaginei que a briga entre João Vinícius e Lili tinha sido tão feia. Eu deveria imaginar? Sim. Mas a verdade é que nunca liguei muito para ela. Até comemorei quando ele decidiu ir para a carreira solo. Lili me parecia *atrapalhar* a imagem dele… Nossa, que pensamento escroto!

Sinto um gosto ruim subir pela garganta. Tudo bem, eu era um jovem meio fútil, mas nunca pensei que fosse preconceituoso.

Pensar sobre isso não muda absolutamente nada. Preciso de Lili, essa é a verdade. Por mais que esteja brigada com sua ex-dupla, ela é o mais perto que cheguei de João Vinícius nesses últimos dez anos (isso sem contar aquela vez que fiquei completamente pressionado na grande do show dele na Expoagro, foi horrível!).

Encontrá-la no bar aquele dia foi uma coincidência. Dessa vez não vai ser. Eu a procurei no Google e em todas as redes sociais possíveis. E não é de se espantar que a garota não consiga nem encher um bar com dez mesas. É tudo tão amador que foi difícil encontrar algo recente sobre ela em seu perfil no Instagram.

Mas encontrei.

Agora estou aqui, em um bar relativamente cheio, esperando pela apresentação. Eu a vejo chegar ao bar, mas me mantenho no lugar. Seus longos cabelos escuros e alisados batem nas costas. Lili fica muito bonita com o cabelo solto assim. E eu desconfio que ela ficaria bonita com qualquer cabelo.

A pele negra dela brilha quando a luz do palco a atinge, e Lili abre um sorrisinho ao ver que muita gente veio hoje. Desconfio que seja pela grana do couvert artístico e não pelo público em si. As pessoas já estão conversando alto, animadas. Duvido muito que alguém, além de mim, vai realmente prestar atenção no que ela tem pra cantar.

Depois de se ajeitar no palquinho, ela puxa o violão e começa a dedilhar uma melodia. Diz um "boa noite", que é respondido por ninguém. E, ao perceber que a atenção de vinte segundos que havia ganhado já tinha sido perdida, ela começa a cantar Don't Stop Believin', do Journey.

Ouço todo o show bastante admirado, tenho que assumir. Não só pela voz e pela maneira como Lili canta, mas pela escolha de músicas. Nada óbvio e ao mesmo tempo tão certeiro. Fico tão chateado que ninguém mais está apreciando essa reunião de músicas tão incrível que começo a sentir um formigamento nas mãos. Um formigamento tão forte que me faz aplaudir a última música como se minha vida dependesse disso. E, indo na minha onda, o bar inteiro também aplaude. Vejo um rápido olhar de surpresa no rosto de Lili, que logo é substituído por um sorriso.

Imagino que ela tenha me visto, então, espero que venha até onde estou, assim que recolhe seus equipamentos no palco. Mas ela não vem. Ao contrário, nem olha na minha direção. Apenas segue até o balcão onde conversa com a dona do bar, ou o que eu imagino que seja a dona, e pega uma cerveja.

Vou até ela.

— Showzão hoje! — Prefiro começar com um elogio antes que ela me enxote daqui, como da outra vez. A expressão de Lili ao virar o rosto e me

ver faz meu corpo involuntariamente se afastar.

— Pensei que estava vendo coisas quando te vi puxando os aplausos do show. — Ela não vai me agradecer? — Você deve ter gostado muito da primeira vez já que voltou! — diz, de um jeito seco.

Respiro fundo.

— Realmente gostei… — hesito. Ela abre um sorriso. O primeiro realmente verdadeiro que vejo.

— Eu não vou te ajudar, meu filho, pode esquecer! — Lili volta a olhar para as garrafas na estante atrás do balcão.

— Não vai nem ouvir minha proposta? — Eu me sento no banco alto ao lado dela.

— Não.

— É algo que beneficia você.

— Não estou interessada.

— Você nem sabe o que é! — insisto, me virando de lado. Ela não se vira para me olhar.

— E nem quero saber.

— Por que você é tão orgulhosa? — Perco a paciência.

Ela se vira de uma vez. Está com um olhar furioso.

— Não é orgulho! — diz com os dentes trincados.

— Então é o quê?

— Dignidade. — Lili volta a virar o rosto e a beber sua cerveja. — E você, pelo visto, não faz ideia do que isso significa!

— Talvez eu não saiba mesmo, afinal sou um marmanjo privilegiado que pode se dar ao luxo de stalkear alguém só para conhecer o ídolo da adolescência…

— Amado? Não presumi nada sobre você. Eu hein? — Lili coloca a long neck de cerveja sobre o balcão e me encara, como uma professora encara um aluno que não sabe a matéria. — Eu disse que você não faz ideia do que é dignidade porque está me pedindo para procurar alguém que era meu melhor amigo, mas deixou a fama subir à cabeça a ponto de esquecer que eu existia. Alguém que fodeu o que eu poderia ter de carreira… — Ela revira os olhos e volta se virar. — Você não vai entender.

— Olha, entendo que deu ruim entre vocês, mas não estou falando de um favor, estou falando de uma *troca* de favores. — Pauso para observar a reação dela. Lili não parece ter ouvido o que falei, mas continuo mesmo assim. — Você me ajuda com isso e eu te ajudo com algo.

— Ok, bonitão! — Ela bate a long neck de leve, junta as mãos sobre o colo, e me encara. — Vamos ouvir sua proposta.

— Vamos? — Olho rápido em volta.

— Eu e minha paciência.

Sorrio e explico para ela que sou um estudante de publicidade e que tenho que fazer um trabalho onde crio todo o projeto de marketing de uma marca. E que eu poderia fazer o projeto de marketing dela.

— Me parece que são dois favores da minha parte!

— Olha… — Tento respirar fundo. — Eu poderia escolher ou criar qualquer marca…

— Então escolha e crie qualquer marca. — Ela se levanta. — Boa noite!

— Ei… — Eu a seguro pelo braço. — Por favor! — Lili está fuzilando minha mão com o olhar. Até sinto meus dedos ao redor do braço dela queimarem. Mas não solto. — Suas redes sociais são péssimas, você sabe!

Ela mesma se solta.

— Primeiro, você não encosta mais em mim se eu não permitir.

— Então terei outra oportunidade?

— É brincadeira? — Indignada, ela começa a se virar. Me seguro para não puxá-la pelo braço de novo.

— Se você melhorar seu marketing, tenho certeza que vai lotar shows como esse! — Grito, enquanto Lili se afasta. Vou atrás dela. — Você tem talento, mais do que a grande maioria das pessoas que estão na mídia… Se melhorar sua marca, tenho certeza que…

— O problema não é esse, Juan. Não de verdade. — Ela para e se vira. — O problema é que eu tenho que ser dez vezes melhor que qualquer pessoa branca, e ainda assim as oportunidades *não vão vir*.

— Então vamos fazer um gerenciamento de redes sociais não dez, mas quinze vezes melhor! — insisto.

— Eu realmente não tenho paciência pra fazer o que um cara desconhecido me falar pra fazer!

— Lili — Esfrego as têmporas. — Eu preciso de você. Você precisa de mim. É uma parceria. Lado a lado. Eu não vou te mandar fazer nada. E, ok, você nem me conhece, mas sério, me deixa fazer isso! É você quem está me fazendo um favor… Dois favores! — Não digo isso para que ela me sinta melhor, digo porque é a verdade.

Ela não fala nada, só fica parada me encarando, tentando entender se falo sério, tentando calcular se realmente vale a pena.

— Tá. — Ela revira os olhos. E eu grito.

— Vai ser tudo!

Faixa 4

WHAT'S UP

I realized quickly when I knew I should
That the world was made up for this
Brotherhood of man
- 4 Non Blondes

Não consigo negar que toda essa situação me deixa profundamente irritada. E tenho que admitir que aceitei muito mais essa parceria para ver de camarote a decepção nos olhos de Juan quando conhecer o encosto do João Vinícius, do que pela ajuda dele em si.

A questão é que, enquanto estou aqui conferindo no aplicativo do banco os preciosos trezentos e vinte reais que ganhei de couvert e tentando decidir se completo o aluguel ou se pago a conta de energia (os dois não dá), sujeitos como João Vinícius têm fãs devotos que fazem de tudo para conhecê-los. Enquanto estou no perrengue porque sou incapaz de lotar um bar pequeno, ele esgota ingressos para quase todos os shows.

É desanimador.

E mais desanimador ainda é perceber que esse discurso soa tão negativo aos ouvidos das pessoas. Se digo qualquer coisa dessas em voz alta, sou vista como invejosa.

E eu gostaria muito de dizer: inveja eu tenho da Rihanna que é linda e bilionária. Mas não posso. Tem dias que acordo e odeio profundamente ser

como sou. Dias em que eu gostaria de ser como João Vinícius. Não de estar no lugar dele, mas de ser vista pelo mundo como ele é visto. Ter a confiança de saber que tudo está a meu favor, que posso me deitar que a correnteza vai me levar para onde eu quiser.

Mas, para mim, o caminho sempre foi outro, tem muito mais barreiras e começa quilômetros atrás. Eu nado *contra* a corrente. E, sinceramente, estou cansada de nadar. O problema é que se paro, mesmo que por um minuto, volto para trás, todo o meu esforço de antes é desperdiçado.

Talvez eu devesse só desistir e tentar fazer outra coisa. Mas aí me lembro que vai ser difícil de todo jeito. Ou seja, nem o luxo de desistir e recomeçar eu tenho.

Estou exausta. Nadando contra a corrente. E vendo pessoas passarem por mim em suas lanchas caríssimas.

Juan tem cara de ser o tipo de gente que tem uma lancha caríssima no rio da injustiça social. Então, se ele quiser me dar uma carona, vou topar! Até o dia em que eu puder comprar a minha própria.

Marquei de ir a casa dele (que ele usa como *home office*) hoje à tarde para conversarmos sobre a minha carreira. Juan disse que já tem um plano para mim. E eu sei que vou discordar de tudo e fazer as coisas do meu jeito. Admito que estou dando pouco crédito ao rapaz, mas o conheci há dois dias em um bar e ele veio atrás de mim em outro, parecendo muito desesperado para conhecer um ídolo da adolescência… Os fatos dizem mais do que as promessas.

E ele até agora só me prometeu coisas.

Muita gente já me prometeu coisas. Minha vida é uma coleção de decepções.

Fecho o aplicativo do banco e coloco o celular sobre o braço do sofá.

Quem dera minha falta de confiança em Juan fosse o único problema. Tem também o fato de eu não fazer ideia de como entrar em contato com

João Vinícius. A última vez que nos falamos (brigamos) foi há três anos. E ele não está mais com a mesma equipe de antes. Mudou tudo depois que decidiu fazer a Anitta e tentar uma carreira internacional, que flopou, para a minha mais sincera alegria.

Ah, se as pessoas soubessem o tipo de gente que ele é.

Mas não cabe a mim contar. É como diz a minha mãe: fruta podre cai do pé sozinha.

Puxo o violão e começo a tocar uma sequência de notas, do tipo que todo mundo usa para fazer músicas populares, na esperança de, quem sabe, compor um grande hit. Ou eu deveria parar de me preocupar com isso e fazer uma música seguindo apenas a inspiração, aquilo que carrego dentro de mim. Ou eu não deveria fazer música nenhuma, porque Juan não sai da minha cabeça e não consigo pensar em mais nada.

Droga!

Abro o Whatsapp e olho o grupo da família. Minha irmã está aprontando alguma coisa porque minha mãe já mandou quinze mensagens perguntando onde ela está. Me sinto irritada com a irresponsabilidade dela, mas me lembro que Emma é só uma adolescente. Ela ainda não faz ideia do quanto é foda para minha mãe não ter notícias da gente.

Ai, depois brigo com ela. Juan acaba de me mandar uma mensagem.

E aí, tudo em cima pra hoje?

Mando uma figurinha da Gretchen, seguido por um “tudo”.

E aí ele começa a falar várias coisas sobre minhas redes sociais, especialmente meu Instagram e manda uma apresentação em PDF com sugestões de ações detalhadas. Tudo isso para adiantar o serviço, segundo ele.

Sorrio. Quanto mais rápido me livrar dele, melhor!

Faixa 5

PERSONAL

On a night like this
Just don't know what I'm trying to prove
- Jessie J

Quatro horas. Ficamos discutindo por *quatro horas*, para Lili decidir que tudo o que sugeri não vai dar certo. Aí ela riscou toda a minha apresentação com ideias que teve e… realmente ficou bem melhor.

Vamos seguir o plano dela, que inclui a gravação de um vídeo (única sugestão dada por mim que foi aprovada).

E depois de outras três horas pensando em tudo, imaginando os cenários, os *teasers* e a identidade visual, Lili se levanta do meu sofá branco, estica as costas e declara, como se isso não tivesse importância nenhuma:

— Não tenho o contato do João Vinícius!

— Quê? — Estico minhas pernas, sentado no chão, antes de me levantar também.

— Mas… — Ela faz uma pausa, só para me irritar. — Já falei com alguém que pode conseguir esse contato. Mas a pessoa ainda não me respondeu. — Então ela começa a rir. — A cara de desespero que você fez foi muito engraçada! Caralho, quase matei um *fanboy*!

Reviro os olhos, acho que estou roubando essa mania dela.

— Não achei engraçado, ok?

— Mas não era pra ser engraçado! A sua reação fez ficar engraçado… — Ela para na minha frente e coloca a mão sobre o meu ombro. Eu não havia reparado tanto nela antes, mas Lili é muito bonita. Do tipo de beleza que parece um tapa na cara, você só percebe quando bate. E te tira do eixo. Me sinto desestabilizado, mas disfarço. — Eu não vou dar para trás na minha parte do acordo, cara. Não sou esse tipo de gente.

Então Lili me dá dois tapinhas no ombro e passa por mim, indo em direção à porta.

— Ah… — começo a falar, mas ainda estou meio fora de mim. Nossa, que coisa estranha!

Ela se vira e sou golpeado mais uma vez.

Não sei o que está acontecendo. E não gosto. Estou me sentindo bobo. Não gosto de me sentir bobo.

— Já terminamos por hoje?

— Já. — Pisco algumas vezes. — Já, sim! Mas, ah…

Ela cruza os braços, impaciente como sempre. Sorrio. Lili fica bonita irritada.

— Eu queria te chamar para comer algo. Tem uma pizzaria muito boa aqui perto.

— Olha… não sei…

— É que a gente ficou aqui por horas e eu nem pensei em comprar nada pra gente comer. Era algo que eu devia ter feito… Vamos, por favor?

— Tá. É comida de graça, né? Óbvio que vou aceitar! — Lili abre um sorriso e eu desvio o olhar, fingindo que estou procurando pela minha

carteira, que já sei onde está. Não sei por que, do nada, estou me sentindo tão inseguro. Ok que a presença dela é muito forte e mexe com qualquer um, senti isso desde que a vi no palco, ao vivo, pela primeira vez. Mas… sei lá, isso é… diferente. Pego a carteira.

— Então, bora?

— Bora!

Faixa 6

MENSAGEM PRA ELA

Vou te ligar
Vou deixar recado
Vou mandar mensagem
- César Menotti e Fabiano

— Então, é isso! — Solto todo o ar que estava preso nos meus pulmões. Nem respirei enquanto a pessoa digitava a resposta. — Problema resolvido! — digo para mim mesma e me permito deitar no chão. Minhas costas já estavam doendo pela maneira como estava sentada sem apoio em cima do tapete da sala. Encosto a mão sem querer no violão e o som das cordas vibrando me assusta um pouco.

Não sei se devo contar para Juan o que consegui. Será que, com isso, ele vai desistir do nosso acordo e não cumprir sua parte? Duvido muito. Ele não é desonesto. Mando uma mensagem, contando a novidade. Não quero dizer pessoalmente, porque não quero ver a cara de felicidade dele ao saber que vai conhecer o ídolo.

Eu esperava que Juan fosse mandar várias figurinhas surtando. Mas não. Ele *me liga*. Felizmente não é uma chamada de vídeo.

Penso seriamente em não atender, mas vai que aconteceu alguma coisa.

— O que foi? — pergunto, impaciente.

— Como você conseguiu tão rápido?

O conceito de “rápido” dele é um pouco irônico. Demorei duas semanas para ter essa confirmação.

— Ainda conheço algumas pessoas que conhecem algumas pessoas.

— Não, sério! *Como* você conseguiu?

Ele está duvidando do meu *networking*? *Que seja!*

Eu me levanto e respiro fundo antes de responder.

— Sabe a Cris?

— A produtora/empresária? Ah… — Ele faz uma pausa. — Ela é da sua cidade, né?

— Sim, na verdade não… Minha mãe se mudou para lá com a gente, depois daquele boato de que a cidade era o novo berço do sertanejo. Foi logo depois que a minha dupla se separou. Ela pensou que, sei lá, a cidade tinha alguma coisa especial — digo, um pouco constrangida. Ele solta um risinho baixo. — Minha mãe é cheia dessas ideias.

— Achei fofo… — Juan volta a soltar uma risadinha. — Ela continua lá na cidade?

— Sim. Mora lá com a minha irmã. Acho que ela gostou. É um lugar pequeno e todo mundo ama as tortas dela.

— Tortas?

— É, ela faz tortas para vender. Antes, sempre vendia nas apresentações que eu fazia de graça na praça. Lotava. Tenho certeza que era pelas tortas.

— Duvido que fosse *só* pelas tortas…

Não respondo. Estou começando a me sentir desconfortável com essa conversa, ou com o celular ou com a maneira como estou sentada. Não sei bem.

— Bom, eu tenho que…

— Calma, calma. Não desliga! Eu nem te contei a *minha* novidade…

— Que novidade?

— A que me fez te ligar. — Ele espera que eu pergunte de novo, mas não pergunto. — Tá sentada?

— Tô.

— O pessoal da TV universitária, que vai gravar o seu vídeo, tinha alguns contatos… E…

— Fala logo.

— O Robertinho, cinegrafista… Aquele careca.

— Tá, o que tem?

— Ele toca com alguns amigos de vez em quando, e conseguiu alguns músicos também…

— Músicos pra quê? A gente não tinha decidido que seria só voz e violão, porque não temos verba? — Eu me levanto de vez. Estou nervosa com essa hesitação de Juan. Por que ele não fala tudo de uma vez?

— Sim. Mas… Além disso, nós conseguimos o estúdio do Paulo, o dono do Mendonça's Bar, para gravar, áudio e vídeo, tudo junto.

— Vocês o quê?

— E… — Ele me interrompe. — Depois da gravação, o Paulo nos convidou para fazer uma apresentação no bar em si.

Acho que estou ouvindo mal. Não é possível.

— Peraí, quê? Como?

— Eu, sinceramente, não fiz nada. O Robertinho conseguiu tudo. Acho que ele gostou de você… — Ele pigarreia. Não entendo por que ficou nervoso. — Digo, no sentido de achar você uma boa cantora.

— Ah…

— E eu soube também que o Paulo gosta muito de… de você. No caso, ele gostava da dupla.

— Ah… — Respiro fundo. Eu me lembro do Paulo, tocamos no Mendonça's algumas vezes quando o bar era pequeno. Mas fomos ficando mais famosos, e paramos de tocar lá depois de um tempo. Nunca entendi bem o motivo. Porém tenho quase certeza que foram os constantes shows de estrelismo de João Vinícius. — Que dia?

— No dia 26.

— Não temos muito tempo…

— A gente tem três semanas para ensaiar com a banda… Vai dar tudo certo!

Faixa 7

DORMI NA PRAÇA

Adormeci e sonhei com você
- Bruno e Marrone

Estou aqui há meia hora olhando para o nada. É muita informação. Primeiro, vou conhecer o João Vinícius. Eu realmente vou conhecê-lo! Segundo, temos um vídeo e um show para organizar. Além de precisarmos dar um gás no Instagram de Lili.

Estou completamente dividido entre ser um adolescente deslumbrado e um adulto responsável.

Coloco o último DVD de João Vinícius para tocar no Youtube e vou trabalhar. Acho que é a melhor maneira de conciliar essas duas partes de mim. De vez em quando, nos momentos de procrastinação, dou uma olhadinha no vídeo. Ele é tão lindo, com aquele cabelo castanho claro. Sempre achei charmoso. A pele branca, a barba feita, os olhos esverdeados. É óbvio que aquela empolgação de antes diminuiu com o tempo, mas ainda me pego aqui, parado por longos minutos, admirando meu ídolo.

Mas, de repente, estou indo atrás dos vídeos antigos. De quando ele e Lili cantavam juntos.

Nunca achei que a voz dos dois combinava, e continuo não achando. É inegável que Lili deveria ter uma carreira solo. A voz dela não precisa de acompanhamento nenhum.

Vejo alguns vídeos dos dois juntos, depois volto a assistir aos DVDs de João. Lili não quer que citemos a dupla *em nenhum momento*. E sei que vai ser difícil não associar a imagem dela à dele; sendo que ninguém mais associa a dele a ela.

Quando percebo, são duas da manhã. Já adiantei vários conteúdos para as redes sociais e montei o planejamento para dois meses, mas ainda falta muita coisa. Praticamente desmaio em cima do computador e não vejo as mensagens que tinha recebido.

Sonho com um palco enorme, desses de festival de música, todo iluminado. No centro dele, há uma pessoa. Todas as luzes estão sobre ela. Meu coração vai parar na garganta. Estou nervoso. Finalmente vou conhecê-la. A pessoa dos meus pôsteres e recortes de revista.

Mas não é João Vinícius que está em cima do palco.

É *ela*.

Acordo no outro dia com Lili me ligando.

Chamada de vídeo.

— Nossa, você está péssimo!

É a primeira coisa que ela diz. Estou completamente grogue.

— Que foi? — pergunto, desnorteado.

— Você não viu suas mensagens, não? — Ela parece estar um pouco nervosa. Resmungo. — Ai, Juan, vou desligar e você olha *agora*!

Pisco algumas vezes e fico olhando para a tela do celular, mesmo depois de Lili ter desligado.

Preciso de cinquenta canecas de café para ficar minimamente apresentável.

Tenho muitas notificações no celular, então, não faço ideia sobre qual

delas Lili está falando. Olho a hora, são quase uma da tarde.

— Droga! — Minha cabeça vai doer o dia inteiro.

Abro o aplicativo de mensagens e vou ignorando os chats. Lili me mandou vinte e sete mensagens. Sorrio.

Três mensagens abaixo da dela, um número desconhecido. Meu coração acelera. Prendo a respiração antes de abrir.

Oi, Juan, boa noite. Aqui é a Cris. Sua amiga Liliane me pediu ajuda para organizar um encontro entre você e o João Vinícius. Você está disponível no dia 26/10? Aguardo sua resposta o mais rápido possível para agilizar isso.

E, de novo, eu me sinto um adolescente.

Respondo, até sem ver, que estou *super* disponível no dia 26.

Só horas depois, quando tomo meu café e acordo, é que me lembro que não estou disponível, muito menos *super disponível*, na porcaria do dia 26.

Faixa 8

PENSA EM MIM

Em vez de você viver chorando por ele
Pensa em mim
- Leandro e Leonardo

Juan não me disse quase nada sobre o encontro com João Vinícius no sábado, muito menos *sobre a data* do encontro. Nos vimos quase todos os dias nas últimas semanas. Acho que ele pensa que eu não sei que está marcado para o mesmo dia da gravação do meu vídeo e da apresentação no Mendonça's.

Ele não disse nada. Eu não disse nada. E ficamos por isso mesmo.

E eu não sei por que estou tão chateada com isso.

O cara de pau está aqui, me olhando com essa expressão de cachorro que achou o dono, enquanto eu faço uma das coisas que mais detesto: fotos. Felizmente, mesmo com ódio, levo jeito para a coisa.

— E aí, já decidiu qual dos dois logos? — ele me pergunta, quando a fotógrafa me libera para uma pausa.

E aí, já decidiu quando vai me contar que vai me deixar na mão na gravação do vídeo?

— Ainda não. — Eu me sento ao lado dele no banquinho alto. Juan está

com um notebook branco no colo. Evito olhar para a tela para não ser enxerida, mas sei que já está fazendo a apresentação do trabalho que vai mostrar na aula. — Qual *você* gostou mais?

— Você quer a *minha* opinião? — Ele está com um sorrisinho no rosto.

— Ridículo! Estamos com pressa, não estamos? Sua apresentação é segunda, eu preciso escolher. Então, sim, quero sua opinião!

— O roxo — diz, sem nem pensar.

Bufo. No fundo, acho que gostei mais do logo roxo também.

— Então tá. — Cruzo os braços.

— Sério? — Ele chega a fechar a tampa do notebook. — Você vai *aceitar* minha opinião?

— Se você continuar me irritando… *não*.

O olhar dele fica vago de repente. Acho que vai falar sobre o encontro com João. Mas ele não fala.

— Quer uma pizza?

— Na verdade, eu quero um caldo de feijão! — confesso.

— Nesse *calor*? — Nem me dou ao trabalho de responder. — Você conhece algum lugar que vende? — pergunta, pegando o celular.

— Não. Eu faço o meu. Receita da minha mãe.

— Ah… — Ele fica me olhando. Acho que está esperando um convite. O encaro de volta. E ficamos assim, nos encarando, sem falar nada, um esperando algo do outro, até a fotógrafa voltar e me chamar para continuarmos.

Assim que me levanto, olho para trás, e me rendo.

— Se você quiser… fica o convite.

Juan abre um sorriso. É óbvio que ele quer.

Na segunda parte da sessão, estou mais solta, logo a fotógrafa fica satisfeita mais rápido e me libera, prometendo urgência no tratamento das fotos. Juan agradece umas dez vezes a ela.

Ele fica mexendo nas mãos enquanto andamos na calçada. Está mais tenso que eu com tudo isso. Acho que é nervosismo porque a apresentação do trabalho já está em cima. Ou porque vai conhecer o ídolo.

Passamos no supermercado, e eu compro bacon e torresmos. Lá em casa tem o resto dos ingredientes. Juan fica calado durante todo o trajeto. É estranho e até um pouco desconfortável.

— E aí, cara, tá nervoso com o que vai rolar sábado? — Paro em frente à portaria do meu prédio. Ele me estuda com os olhos apertados.

— Vai ser um dia e tanto! — desconversa e não cai na armadilha que deixei. É só agora que percebo que ele não vai mesmo falar sobre o encontro com João Vinícius. Tudo bem, Juan não tem que me falar nada, não sou a mãe dele, mas… por que estou irritada?

— É! — digo, brava, e abro o portão.

Não falamos mais nada enquanto subimos. Mas quando entramos e começo a preparar o caldo de feijão, Juan resolve me perguntar sobre minha casa, sobre como aprendi a cozinhar e até me ajuda cortando a cebolinha e o bacon, sem parar de falar nem por um segundo.

Quero perguntar por que ele estava tão calado antes, mas deixo para lá.

Comemos nosso feijão, no sofá, porque não tenho mesa.

Juan repete duas vezes.

— Você nunca tinha comido caldo de feijão, não? — Eu me levanto, pego a tigela da mão dele e junto com a minha.

— Desse jeito? Não.

Assovio, indo até a cozinha, enquanto coloco as vasilhas dentro da pia.

— Caramba! Onde você vivia? — pergunto quando volto.

Ele responde com um sorriso.

— No meu mundinho particular, como diz a minha mãe.

— E o que tem nesse mundinho? Pizza! — Aponto o indicador para ele. — Aposto que pizza. — Eu me jogo no sofá ao lado dele.

Juan abre o sorriso ainda mais.

— Lógico. Bem apimentada! — Ele se ajeita no sofá. — E você, se tivesse seu mundinho, o que teria nele?

— Cachorro quente — respondo sem nem pensar. — A torta da minha mãe...

— E caldo de feijão? Isso definitivamente teria no *meu* mundinho!

— E João Vinícius de trilha sonora — digo, em tom de brincadeira, mas Juan fica sério. — Que foi? Você prefere ele como travesseiro? — Juan faz uma careta. — Qual é? Vai dizer que nunca pensou nisso? — Sorrio. — Meu sonho era a Demi Lovato gostar de meninas e me notar.

— A Demi Lovato gosta de meninas…

— E o João de meninos… — Me arrependo assim que falo. Essa não é uma informação pública. — Ai, não devia ter falado isso.

— Não é bem um segredo no fandom. — Ele sorri. — Fica tranquila.

— E você… gosta de meninos? — Mudo um pouco o rumo da conversa.

Juan faz um bico e se mexe no sofá.

— Mais ou menos… — Acho que faço uma cara muito estranha, porque ele logo emenda. — É que eu sou assexual, mas me interesso por meninos, sim… de um jeito romântico.

— Ah… — Será que é *só* por meninos? Não que eu esteja interessada, mas... Começo a falar sobre o assunto, porque estou ficando nervosa demais. — É meio difícil ver pessoas falando sobre isso, né? Eu fiquei semanas na internet pesquisando sobre assexualidade quando minha irmã estava tentando entender porque se atraía de um jeito tão diferente do que ela via nos filmes.

Ele começa a rir.

— Comigo foi assim também. Por isso que minha mãe sempre dizia que eu vivia no meu mundinho. Ela falava que eu só me apaixonava pelas pessoas inalcançáveis dos meus pôsteres.

— E estava errada?

— Não! — responde entre risadas. — Mas, e você, Lili?

— Eu? — Paro de olhar para ele por um instante e digo, em um tom de brincadeira: — Eu gosto de tudo e não pego nada! — Então começo a rir, porque já chorei muito por isso.

— Você é bi?

— Sou. Apesar de só ter me relacionado com homens.

— E com a Demi lovato em sonho…

Solto uma gargalhada alta.

— Não só com a Demi.

— Viu? *Só Deus* pode me julgar por querer conhecer meu ídolo. Se você pudesse conhecer a D...

— Eu já sei que seu encontro está marcado para sábado. Não precisava dar toda essa volta para me contar. — Tento não falar de um jeito seco.

— É que a gente tinha um combinado.

— Não precisa tentar explicar, Juan. Nosso combinado sempre foi eu te ajudar a conhecer o João Vinicius. Você esperou dez anos por esse momento, cara! — Ele não parecia estar mais tranquilo. — E, tipo, não vou precisar de você lá pra nada. — Era mentira.

— Mas, de todo jeito, acho que vou conseguir ajudar na gravação do vídeo. — Ele se ajeita no sofá, um pouco mais animado. Parece que ficou os últimos dias pensando em um milhão de maneiras de não falhar em nenhuma das duas tarefas. — Tenho certeza que consigo acompanhar e depois ir para Belo Horizonte ver o show e depois ver o João.

— Vai dar tudo certo! — Sorrio para ele. E percebo que não sinto tanta raiva, nem estou chateada. Pelo contrário, estou feliz por Juan. O sentimento que tenho é diferente, parece... Ai, deixa quieto! — E eu vou, finalmente, me livrar de você!

Juan ri e eu sou obrigada a admitir uma coisa bem assustadora para mim mesma: não quero me livrar dele.

Faixa 9

ESTOU APAIXONADO

Dois adolescentes pela madrugada
Pra viver a vida, sem pensar em nada
- João Paulo e Daniel

Eu amei um garoto desde os meus quatorze anos. E sempre soube, bem no fundo, que meu jeito de amar era diferente dos outros. Eu pensava que era só uma admiração muito grande. Não tinha outro parâmetro além daquilo que eu sentia, que divergia completamente de tudo o que me ensinaram sobre o que era amar alguém.

Tive muita dificuldade em entender que aquela admiração era mais do que isso. Que o que eu sentia pela menina mais inteligente da sala, com suas longas tranças e sua dificuldade em ficar quieta durante a aula, era amor.

É mais fácil quando a pessoa é famosa, quando é inalcançável, quando o sentimento existe só como um grande sonho de adolescente.

Mas a coisa muda quando a pessoa que faz seu coração acelerar está bem na sua frente, sorrindo para você. E você quer convidá-la para chegar mais perto, para conversarem a noite inteira sobre como 2019 está sendo um péssimo ano, e então pensarem em algo para fazerem juntos no café da manhã. Ela, na outra ponta do sofá, com os olhos brilhando ao falar sobre a irmã mais nova, e você sem piscar, imaginando como é possível alguém ser tão bonito.

— Juan? — Lili se aproxima e encosta a mão fria no meu braço. — Tá viajando aí?

Pisco algumas vezes.

— Acho que estou com sono. — Eu me levanto de repente. — Tá super tarde, tenho que ir!

— Já tá quase amanhecendo, cara. Fica aí pro café!

Tem um nó na minha garganta.

— Eu tenho um monte de coisa pra fazer ainda!

Lili segura minha mão direita.

— Cê tá bem? Ficou pálido de repente.

— Tô… — digo sem certeza. E depois mais firme: — Tô. Eu *sou* pálido, né? — Abro um sorriso, para que ela veja que estou bem. O que, claramente, é uma mentira.

Lili está tão perto.

— Você ficou calado de repente. — A mão dela ainda está segurando a minha. — É meio assustador quando você fica calado… — Sorri, de um jeito meio sem graça, quando a puxo de leve para mais perto. Passo a mão que está livre pelo rosto dela, e a deslizo devagar até atrás do pescoço de Lili. Ela fecha os olhos quando colo nossas testas. Fecho os olhos também. Minha respiração está pesada, meu coração acelerado a ponto de doer.

Então, me afasto. Nada disso parece justo. Depois que conhecer João Vinícius e apresentar meu trabalho, seguirei meu rumo e Lili o dela. Foi o que combinamos.

Talvez, na verdade, eu só esteja surtando, porque não sei lidar com esse sentimento.

— Tenho que ir — anuncio, me afastando em direção à saída. Ela não

fala nada, só me acompanha e abre a porta.

Não sei muito bem como chego em casa, fiquei o caminho inteiro pensando sobre o que tinha acabado de acontecer. Pior, sobre o motivo de aquela aproximação ter acontecido. Aquilo me assusta mais do que eu gostaria de admitir.

Eu me jogo na cama quando chego e só acordo à tarde, com mensagens da fotógrafa, me dizendo que havia editado algumas das fotos e estava me enviando para adiantar meu trabalho.

Um anjo.

Tento me concentrar no trabalho durante o resto do dia. Mas é difícil demais quando o trabalho tem esse sorriso, e esse rosto, e esses olhos…

Ficar horas olhando essas fotos de Lili é a certeza que eu não queria ter:

Estou apaixonado e este amor é tão grande…

Ao som de João Paulo e Daniel.

É nesse ponto que cheguei!

Não falo com Lili, só converso com a equipe da TV e com Paulo. Está tudo pronto. Vai dar tudo certo.

Respondo a mensagem que Cris me mandou, perguntando como estou e se está tudo ok com o encontro. E avisando que a equipe de João Vinícius vai entrar em contato comigo amanhã de manhã.

Termino minha apresentação mais rápido do que deveria, mesmo assim são três da manhã. Domingo à tarde, eu me preocupo em anexar fotos da gravação do vídeo e revisar tudo. Não hoje.

Checo o celular antes de dormir. Há uma mensagem de Lili. Só uma.

Trocamos a música. Espero que não tenha problema.

Não sei o que ela pensa que está fazendo, mas não tenho mais energia nem cabeça para ficar nervoso com isso. Vou tomar meu banho e dormir, porque amanhã o dia vai ser longo.

Acordo vinte minutos antes da equipe de João Vinícius entrar em contato e dizer que está mandando meu ingresso por e-mail. Área VIP. Depois do show, que está marcado para as 22h, vou me encontrar com ele. Tento não ficar mais ansioso do que já estou. Checo a passagem para Belo Horizonte pela décima vez. O ônibus sai às 15h. A gravação do vídeo está marcada para logo depois do almoço. Se tudo der certo, consigo acompanhar ao menos o começo.

Quando chego ao estúdio de Paulo, a equipe da TV e os músicos já organizaram quase tudo. Paulo está sentado em um sofá vermelho, com um violão preto sobre o colo. Lili está sentada no chão, na frente dele, com um caderno na mão. O resto da banda está arrumando os instrumentos, enquanto o pessoal da TV organiza os ângulos das câmeras e a iluminação.

Eu os cumprimento, tentando não fixar meu olhar em Lili. O que é bem difícil. Desvio o olhar para o resto do estúdio, tudo é muito bem organizado, com paredes chumbo, piso de madeira e tapetes vermelhos com detalhes em dourado no chão.

Ela olha para mim e desvia o olhar rápido.

— Estamos revendo alguns detalhes da letra! — Está toda sorridente. Dá para ver de longe o quanto ama isso.

— Posso ajudar com alguma coisa? — ofereço.

— Não — diz, ainda sem olhar para mim. — Você vai acabar se atrasando.

— Vou nada! — Eu me sento no sofá ao lado de Paulo, que me dá dois tapinhas na perna. — Tudo certo por aqui então? — pergunto para ele.

— Essa menina é ótima, Juan! Não teremos problema nenhum. Pode ficar tranquilo! — Ele está encantado.

— Eu te falei que ela era!

Lili fecha o caderno e me olha.

— Pensei que você não tivesse nada com isso… Que tinha sido coisa do Robertinho.

— Bem…

— O Robertinho nos apresentou, mas o Juan ficou horas me falando o quanto você é maravilhosa. — Paulo interfere. — No final das contas, nem precisava! — Ele solta uma gargalhada.

Eu até riria junto, mas estou muito nervoso.

— Viu? Não menti. Não tive absolutamente nenhuma interferência…

— Mesmo que tivesse, eu jamais te daria esse crédito! — Ela ri também.

— Lili? — Um dos músicos chama por ela, que se levanta em seguida e vai até onde eles estão.

— Vamos passar a música? — ela pergunta. — Tudo certinho?

— Acho que sim!

Paulo se levanta e vai até um painel enorme, cheio de botões e luzes. Já vi vários desses em clipes e vídeos. Mas nunca tinha visto pessoalmente.

— Vamos passar o som, ok? Com a música do vídeo mesmo, pode ser?

— Pode! — Lili olha para mim por um instante, mas desvia o olhar depressa para o caderno que está segurando.

Então eles começam a música.

E eu percebo que estou sobrando aqui. Por isso, vou embora.

Faixa 10

ME APAIXONEI

Quando vi os teus lindos olhos brilhando
Em outra direção olhando
E eu não existia pra você
- César Menotti e Fabiano

Juan sai praticamente correndo, não chega a escutar a música inteira. Tento controlar o nó na garganta e o bendito sentimento de frustração que nascem dentro de mim. É óbvio que interpretei errado o que aconteceu na outra noite. A única coisa que Juan pensa é em encontrar o ídolo da adolescência. Perdi mais uma vez para João Vinícius.

Passamos o som até ficar tudo ok e ensaiamos por algumas horas, antes de gravarmos de fato. E por um segundinho, bem pequeno, paro de pensar em Juan. Olho no relógio mais vezes do que gostaria. O ônibus dele já deve ter saído da cidade.

Depois de gravarmos o vídeo, ensaiamos algumas das outras músicas que tocaremos. Quando acabamos, organizamos os instrumentos no palco do bar. O que é fácil, porque o estúdio fica nos fundos.

— Certeza que hoje vai lotar! — Paulo olha para as mesas vazias com os olhos brilhando. Minhas mãos suam. Não falo nada. Ele me dá um tapinha nas costas e diz que vai ficar tudo bem.

E Paulo tem razão. Ainda é cedo e as pessoas começam a chegar e ocupar as mesas. Olho para a tela do celular mais vezes do que deveria.

Quero ver a hora, sim, mas quero ver se Juan me mandou alguma mensagem. Não tem nada. Só o grupo da família bombando com pedidos para que eu grave tudo e mande para elas.

Mato o resto do tempo até a hora do show conversando com elas e respondendo que vou registrar tudo o que puder. É quando recebo uma mensagem de um número desconhecido:

Parabéns pelo show no Mendonça's
- JV.

Reviro os olhos. Só pode ser brincadeira!

Não vou mandar uma resposta. Quero que João Vinícius vá para o quinto dos infernos. E, para piorar, vejo o status de Juan.

Uma foto dele, apenas de rosto, com a legenda: pronto para o show.

Que ódio!

Coloco o celular no modo silencioso, e o jogo dentro da bolsa.

— Lili, já está quase na hora. — É Paulo que vem até o canto onde estou, ligeiramente escondida, para avisar.

— Obrigada! — Vou andando na direção do palco, dando uma espiadinha no bar. Está lotado.

Respiro bem fundo e olho para os meninos da banda. Eles já estão esperando.

Subo no palco, mais nervosa do que nunca. Nem quando eu tocava para cinquenta vezes esse público, tremia tanto.

Eu queria que Juan estivesse aqui.

Nunca vou admitir isso em voz alta. Mas queria.

Olho para a banda mais uma vez, e depois me apresento. Ao contrário

dos públicos de outros bares onde toquei, aqui no Mendonça's as pessoas vêm para ver o show. É a tradição da casa. Então, todo mundo responde meu "boa noite".

Fico mais nervosa ainda.

Para a minha sorte, a música começa e eu disfarço meu nervosismo cantando.

E não deixo de estar nervosa nem por um segundo, mas me acostumo com a sensação. No final de todas as músicas, as pessoas me aplaudem. E eu me sinto importante, como não me sentia há tempos.

O show acaba e eu simplesmente não quero sair do palco. Ainda tocamos mais umas três músicas a pedido do público antes de acabar de vez.

Somos aplaudidos com tanta força que quase choro.

Então o quase choro vira um sorriso quando noto alguém aplaudindo mais do que os outros. Meus olhos marejam e preciso respirar fundo. É como se algo explodisse dentro de mim.

Sinto vontade de correr até onde ele está, mas vou devagar, agradecendo as pessoas que me parabenizam pelo caminho, inclusive Paulo, que diz que vai me chamar para cantar aqui mais vezes. Agradeço, com um sorriso, e sigo, passando por entre as mesas até os fundos do bar.

— O que você está fazendo aqui?

— Das milhares de coisas que você poderia dizer, é isso que você fala?

Reviro os olhos.

— Ai, meu Deus, como você é insuportável! — Me aproximo dele para dar um tapinha em seu ombro, mas Juan pega minha mão e me puxa para perto. — Você não respondeu minha pergunta — digo baixinho. — Perdeu o ônibus?

— Não. — Ele me puxa ainda mais. Meu coração acelera. — Mas desci

na cidade vizinha. Só que demorei horas para conseguir voltar.

— Sério?

— É. Juro. Percebi que era *nesse* show que eu queria estar.

Acho fofo o que ele diz, mas vou fingir que não.

— E você chegou que horas?

— Desde antes de começar!

— E por que não foi lá pra frente?

— Achei melhor ver daqui, no meio do povo. — Ele sorri. Eu sorrio também.

— Você é muito bobo!

— Eu queria fazer uma surpresa… — Juan me puxa mais. Nossas testas se encostam.

Eu me afasto um pouco.

— Não vou conseguir outro encontro com o João, não. Minha parte do acordo eu cumpri!

— Meu Deus! Um dia eu conheço o João Vinícius, Lili. Hoje tenho uma coisa mais importante pra fazer!

— Ah é? O quê?

Juan coloca a mão atrás do meu pescoço. Eu sei o que ele está fazendo, mas honestamente? Estou apavorada. Na minha cabeça, estava fixa a ideia de que Juan só tinha olhos para João Vinícius. Nunca imaginei que ele ficaria para ver o meu show. Que ficaria *por mim*!

— Beijar você. Posso?

Sorrio. E não respondo. Só o abraço e puxo para perto. Parte de mim ainda acha que deveria lutar contra isso. Só que tenho lutas demais na vida, não preciso de mais uma.

— Pode — digo baixinho. Mas eu mesma o beijo. Acho que a gente já perdeu tempo demais!

Leia os outros contos da série “**Clichês em rosa, roxo e azul**”

Mas… e se?

E se o cantor sertanejo Henrique voltasse para casa depois de uma temporada de shows e tivesse que aprender a lidar com o novo namorado de sua esposa?

E se esse novo namorado o fizesse se sentir mais em casa do que nunca?

Um corpo de verão

Tudo o que Vanessa queria era aproveitar o fim de semana para se reaproximar da (beijar a) amiga de infância e pegar uma corzinha à beira da piscina. Mas a insegurança de Bia mais afastou do que uniu as duas.

Um livro, uma piscina sem sol e uma música da Taylor Swift serão capazes de colocar os planos de Vanessa de volta nos eixos?

Espero que não perca

Em 1938, Mercedes encontrou Alzira e tentou não se perder dela. Mas, se hoje para duas mulheres ainda é difícil viver um grande amor, imagina em uma época onde os pais ainda definiam o destino de suas filhas?

Amor de janela

Camila está em casa. A faculdade está parada, as ruas desertas, as lojas fechadas. E, em casa, ela vai ter que aprender a conviver com a própria família e com Erick, seu vizinho de janela.

Outra dimensão para nós dois

Maycon é apaixonado pelo amigo com quem divide a república, mas Rafael só quer saber de baladas e relacionamentos sem compromisso. Tudo muda quando os dois se isolam durante a quarentena em uma casa antiga, cortada por uma fenda que os leva a outras dimensões.

Estrela e a Flor

Está frio na noite da festa mais importante para a família de Estrela. E nada faz a fogueira acender. Exceto Flor, uma misteriosa garota de cabelos roxos.

Azeitonas

Cecília está passando a quarentena com o avô, e faz compras para ele e para os vizinhos. Até que, um dia, ela troca as sacolas do avô com as da pessoa que mora no 13b, e acaba virando a garota de recados de dois idosos apaixonados.

As razões de Henrique

Em 2003, quando Henrique foi morar no interior de Minas Gerais, nunca pensou que se apaixonaria tanto... e por pessoas de gêneros diferentes.

Emma, Cobra e a criatura da parede

Emma está ouvindo uma voz vinda de dentro de sua parede. Cobra está ouvindo os pensamentos de Emma. Na tentativa de recuperar a amizade perdida entre os dois, eles vão se juntar para descobrir o que diabos está acontecendo com a parede da garota.

Bregafunk do amor

Há uma coisa que une Ana Cecília, Felipe e Mirela: o amor pelos livros super gays de Mariano Madeira. Agora, os três vão se aventurar em uma estranha viagem para conhecer o ídolo.

Um Papai Noel de outro planeta

Um evento não-natural causou a destruição do planeta de Noa, espalhando pedaços por toda a galáxia. Alguns deles caíram no Brasil, especificamente no interior de Minas Gerais, causando fendas no espaço-tempo.

E agora cabe a Noa consertar o problema!

Enquanto isso, na Terra, Gal está procurando por sua namorada que desapareceu do nada. E vai contar com a ajuda de um estranho Papai Noel

para descobrir onde a garota foi parar!

Sobre a autora

MARIA FREITAS é mineira do interior, bi e assexual. É autora de Cartas para Luísa, livro vencedor do Prêmio Mix Literário em 2020, Sempre estive aqui, As razões de Cris e da série de contos com protagonistas bissexuais, Clichês em rosa, roxo e azul, que, juntos, já foram baixados mais de 75 mil vezes na Amazon.

www.mariafreitas.com.br
Instagram: @mariafreitaslivros
Twitter: @themariafreitas

Faça parte do Clube da Maria, uma newsletter GRATUITA com histórias exclusivas, brindes, descontos, novidades e muito mais. Ah, e tem também a versão Premium: https://apoia.se/clubedamaria.

MARIA FREITAS © 2020

Esta é uma obra de ficção.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem a autorização prévia da autora.

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F862 Freitas, Maria
Acho que eu fiz uma música / Maria Freitas
São João do Manteninha/MG, 2020.

1. Ficção Brasileira. 2. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869

Todos os direitos desta publicação reservados à
Maria Madalena de Freitas Souza
www.mariafreitas.com.br